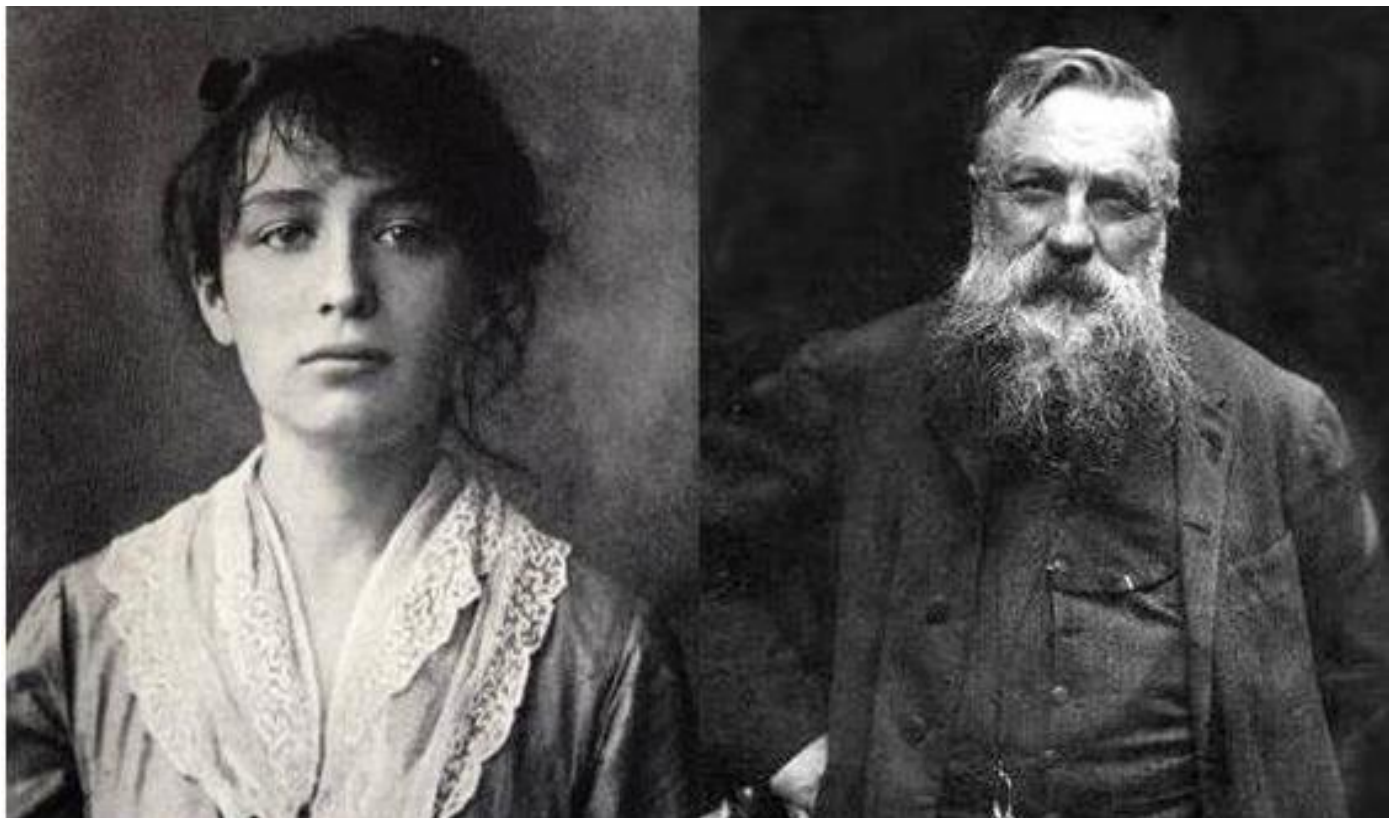


1. POR DETRÁS DE UM GRANDE HOMEM...



Diz-se que por detrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher. Muitas vezes é verdade. Muitas vezes também há grandes homens e mulheres convivendo em igualdade de tratamento. Outras vezes há grandes mulheres que tiveram por detrás grandes homens que por elas se sacrificaram, em dedicação e lealdade. Quem não recorda os casos de Natália Correia ou Agustina Bessa Luís, para só citar dois exemplos portugueses?



Muitas vezes o tempo foi madrasto para as mulheres, sobretudo em épocas da História onde imperou um machismo violento. Outras vezes, produto das alturas, dos costumes, dos usos e dos abusos (que podiam ser maus, mas eram os que se praticavam na altura), as mulheres foram preteridas em relação aos homens, quando desempenhavam idênticas funções. Rodin e Camille Claudel foi seguramente um caso desses, onde o génio do mestre escultor terá ocultado o génio da sua discípula e amante. Mas fazer juízos de valor séculos depois é fácil e ao escrever a História nunca se sabe se se estará a ser justo com todos.

Mas é sempre bom trazer à recordação do presente casos do passado que podem ter uma moralidade construtiva e ajudar a construir uma sociedade mais justa. O papel da mulher secundarizada é cada vez mais uma imagem do passado, ainda que, apesar disso, muito se tenha de fazer para se atingir um equilíbrio, onde a competência e o talento sejam os únicos elementos diferenciadores, não esquecendo nunca que é também na diferença que se encontra a unidade. Não é abolindo as diferenças que se conquista a paridade. Muito pelo contrário, é respeitando o que não é igual que se atinge a igualdade de tratamento.

2. A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL



Quando se cita o nome de Rodin, quase toda a gente medianamente informada sabe quem foi. Quem saberia, porém, quem foi Camille Claudel antes desta obra de Bruno Nuytten, um dos principais directores de fotografia franceses que aqui se estreia como realizador?

Pois Camille Claudel foi uma jovem escultora, contemporânea de Rodin, mas muito mais nova, que, começando por ser sua aluna dilecta, se tornou sua amante e sua principal colaboradora no período mais fecundo da obra do mestre (aquele em que Rodin criou “Os Burgueses de Calais”, “As Portas do Inferno”, “Victor Hugo”, “Balzac” e tantas outras esculturas de um intenso erotismo, muito pouco ortodoxo para a época). Mas a paixão desmedida de Camille por Rodin teve um desenvolvimento dramático, fazendo desta figura frágil na aparência, mas obstinada e decidida no íntimo, um fogo fátuo que os costumes do tempo consumiram cruelmente. Obrigando o escultor a optar entre ela e a companheira de há anos, Rose Beuret, Rodin não terá tido a atitude que Camille Claudel ambicionava. Esta afastou-se então do seu convívio, isolando-se do mundo, fechada num “atelier” onde freneticamente foi criando uma obra atormentada que posteriormente destruiria quase inteiramente, caminhando a passos certos para a loucura.

Sentindo-se perseguida pela sombra do mestre, com quem não mais privou, ainda que o perseguisse por Paris, Camille não encontrou na família, depois da morte do pai, ninguém que a apoiasse, nem o cristianíssimo irmão Paul Claudel, nem a beata mãe que a preferiu enclausurar num hospício, não permitindo que de lá saísse, nem mesmo depois dos próprios médicos o aconselharem.

Assim viveu Camille Claudel os derradeiros trinta anos da sua existência, tentando todos quantos a rodearam (com a excepção de Rodin que até ao fim da sua existência procurou, ainda que de longe, saber da sua saúde e contribuir para o seu possível bem estar no interior do asilo) esquecer o seu nome e obra, até que não há muito tempo, em virtude da persistência de alguém que resolveu remexer no passado e trazer à superfície esta história exemplar, se pode redescobrir um percurso consumido por entre paixões funestas e puritanismos impiedosos.

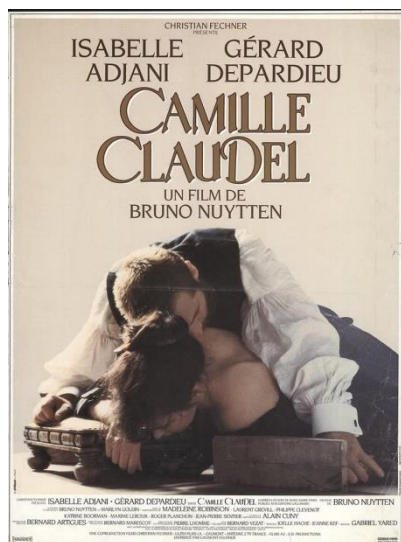


Sabendo da existência dessa biografia, Isabelle Adjani comprou os seus direitos para cinema e, durante anos tentou erguer o projecto, conseguindo-o, em 1988, oferecendo a Bruno Nuytten a oportunidade de se estreiar como realizador. O resultado, sem ser absolutamente brilhante (há alguma retórica na narrativa de Nuytten), é muito meritório e o trabalho de Isabelle Adjani, em Camille Claudel, e também o de Gérard Depardieu, em Rodin, impõem a obrigatoriedade da visão.

O ambiente desse período (que Adjani já protagonizara em "Adere H.", de François Truffaut) é

bem dado por Nuytten, que consegue boas imagens cinematográficas (como por exemplo a ideia de um "ciclo da terra" cumprido por Camille, ciclo esse que abre com as imagens iniciais do filme - Camille arranca barro das valas das ruas de Paris - e fecha nas derradeiras - Camille restituindo as suas estátuas destruídas ao barro de Paris). O clima de um forte erotismo nas relações de Rodin e Camille é também ele bem sugerido, sem excessos, mas de forma vibrante, permitindo supor a "loucura" do seu amor. Aqui e ali, sobretudo nas primeiras sequências, é possível surpreender algumas redundâncias descritivas, e mesmo um certo convencionalismo académico, mas depois o filme ganha força e Nuytten confiança. É particularmente no trabalho de Adjani e Depardieu que o filme assenta e há que reconhecer que eles são soberbos. Ambos ganharam os Césars de Melhores Actores de 1988.

Em 2013, surgiu um novo filme sobre a mesma personagem, "Camille Claudel 1915", de Bruno Dumont, sobre argumento do próprio, baseando -se em cartas de Paul Claudel e de Camille Claudel. Do elenco faziam parte Juliette Binoche, Jean-Luc Vincent e Emmanuel Kauffman. Confinada num hospício, no sul de França, este é o registo do Inverno de 1915, enquanto Camille espera pela visita de seu irmão Paul Claudel. Filme igualmente interessante, com uma magnífica Juliette Binoche, mas, apesar de tudo, preferimos Adjani e Nuytten.



A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL

Título original: Camille Claudel

Realização: Bruno Nuytten (França, 1988); **Argumento:** Bruno Nuytten, Marilyn Goldin e Misa Terani, segundo obra de Reine-Marie Paris; **Produção:** Isabelle Adjani, Bernard Artigues, Christian Fechner; **Música:** Gabriel Yared; **Fotografia (cor):** Pierre Lhomme; **Montagem:** Joëlle Hache, Jeanne Kef; **Casting:** Shula Siegfried; **Design de produção:** Bernard Vézat; **Guarda-roupa:** Dominique Borg; **Maquilhagem:** Clarisse Domine, Dominique Germain, Thi-Loan Nguyen, Marie-France Thibault, Patrick Villain; **Direcção de produção:** Catherine Adart, Yvon Crenn, Bernard Marescot, Sophie Ray, Daniel Zyngier; **Assistentes de realização:** Frédéric Blum, Philippe Chapus, Philippe Turret, Christophe Vallée; **Departamento de arte:** Hervé Boutard, Emmanuel de Chauvigny, René Donnenwirth, Jean Marc Druais, Thomas Godelle, Charles Marty, Louis Morand, Daniele Sauge Lagrange; **Som:** Guillaume Sciamia, William Flageollet, Daniel Gollety, François Groult, Dominique Hennequin, Michel Klochendler, Françoise Lefèvre, Claire Pinheiro; **Efeitos Visuais:** Frederic Moreau; **Companhias de produção:** Christian Fechner, Lilith Films, Gaumont, Films 2, Antenne 2; **Intérpretes:** Isabelle Adjani (Camille Claudel), Gérard Depardieu (Auguste Rodin), Madeleine Robinson (Louise-Athanaise Claudel), Laurent

Gréville (Paul Claudel), Philippe Clévenot (Eugène Blot), Katrine Boorman (Jessie Lipscomb), Maxime Leroux (Claude Debussy), Danièle Lebrun (Rose Beuret), Jean-Pierre Sentier (Limet), Roger Planchon (Morhardt), Aurelle Doazan (Louise Claudel), Madeleine Marie (Victoire), Alain Cuny (Louis-Prosper Claudel), Gérard Beaume, Martin Berléand, François Berléand, Michel Beroff, Lison Bonfils, Denise Chalem, Christine Chevreux, Flaminio Corcos, Gérard Darier, Claudine Delvaux, etc. **Duração:** 175 minutos; M/12 anos; **Distribuição em Portugal (DVD):** Filmes4You; **Estreia em Portugal:** 11 de Maio de 1990.